

ATARAXIA

A *ataraxia* [αταραξία], a tranquilidade de espírito ou do ânimo, literalmente traduzível como “imperturbabilidade”, “ausência de perturbações”, “sem transtornos”, “sem agitação” ou “sem inquietação”, constitui um conceito-chave na filosofia antiga, explicitado muito em especial na do período helenístico. No entanto, tem sido frequentes vezes até tempos recentes vítima de desvalorização, a qual é bem testemunhada pela sua exclusão de trabalhos de referência especializados. Acontece mesmo que, no caso de não ser excluída, não é em geral abordada senão de forma rápida e resumida. Vejamos um exemplo claro, o tratamento sumário que recebe no léxico de F. E. Peters, onde apenas dela se diz o que significa: “Sem perturbação, equilíbrio, tranquilidade da alma. Ver *hedone*” (Peters, 1977, p.42). Outras obras de referência são mais pormenorizadas, mas é uma minoria a que lhe dedica relevo. Podemos destacar entre outras, a entrada, se bem que sucinta, no já clássico Dicionário Enciclopédico de Ferrater Mora (Ferrater, 1965, t.I, p.150). E até os artigos eruditos que lhe são dedicados pelos especialistas do período helenístico são bem menos numerosos do que os que incidem sobre outros temas declaradamente menos destacados pelos próprios autores antigos. Reconhece-o com acerto o autor de um artigo essencial sobre a *ataraxia* pirrônica (Smith, 2000, pp.15-16).

Em qualquer dos casos, no período helenístico e na Antiguidade tardia, a maioria das escolas tinham a *ataraxia* como objetivo fundamental. Constituindo ela um estado anímico, exprime um ideal de sabedoria, um fim ou *telos* a atingir pelo filósofo de cada uma dessas escolas. No fundo, é concebida como uma ultrapassagem racional da demasiado humana vulnerabilidade e sujeição à fortuna e aos acidentes, sejam estes de origem interna, as paixões, sejam provenientes do exterior, como as doenças, a pobreza, as desgraças, o mal físico, ou o desaparecimento de entes queridos. Em nenhuma escola ou corrente filosófica grega a vida virtuosa e feliz equivalerá ao contrário da *ataraxia*, à falta de serenidade, à intranquilidade de ânimo, à entrega aos excessos e à cedência às paixões. A *ataraxia*, enquanto conceito filosófico, tem, pois, de ser encarada como enquadrável no âmbito de um propósito filosófico eudemonista. Ela encontrar-se-á, assim, sempre associada à felicidade, mas, consoante a corrente filosófica em que se insere, poderá desempenhar papéis de diferente importância.

Convém a seu propósito, desde logo, observar que o termo *ataraxia* exprime uma negação, veiculada pelo prefixo grego privativo *alfa* [α]. Será então legítimo supor que o conceito correspondente (tal, de resto, como outros do vocabulário

helenístico: *apatheia*, *adiaphoros*, etc...) se acha assim marcado pela negatividade. A tranquilidade visada destarte não constituiria um estado deveras positivo mas um que implicitamente consigo traria o selo da negação, um estado de privação. Privação, por exemplo, de paixões naturais no homem, de preocupações comuns e correntes, inevitáveis no curso da vida quotidiana e capazes de desempenhar nesta uma função estimulante, privação essa que poderá vir a traduzir-se em repressão ou tendência à eliminação da espontaneidade, e a acarretar a deficiência equivalente à falha de qualidades naturais. Todavia, esta negatividade, na medida em que recusa o que não pode, apesar de tudo, deixar de ser encarado como essencialmente negativo para o alcance da sabedoria e da felicidade - a carência da qualidade distintiva do autodomínio das paixões e da afirmação da autonomia do espírito face às pressões vindas do exterior -, assume um carácter de declarado teor positivo. De resto, confirma este carácter a circunstância de, nas filosofias que mais a sobrelevam, tomar sempre os contornos de um ideal de busca. É um estado positivo atingido pela superação negadora de uma condição negativa - a quietude adquirida através de uma educação filosófica que elimina a inquietação e se livra do império da preocupação.

O primeiro registo que se tem do termo *ataraxia* numa obra filosófica acha-se num fragmento de Demócrito (DK A167). Identifica-a ele com a felicidade, o que é confirmado pelo testemunho de Cícero, que declara do Abderita que este dizia que o sumo bem era a a tranquilidade, chamando-a por vezes firmeza de espírito (DK A169). Achava-se na ética democriteana o alcance da *ataraxia* de algum modo associado a uma prática da moderação, e caracterizava-se ela já como uma libertação mental da submissão aos males e demais factores de perturbação, preocupação e transtorno. A positividade da *ataraxia* estará, portanto, aqui bem patente, conquanto possa parecer tentador vê-la como uma auto-mutilação, tendo em conta as histórias contadas sobre Demócrito, como a de haver ele arrancado seus próprios olhos para não estar sujeito às impressões visuais. Em todo o caso, a *ataraxia* em Demócrito não constitui uma simples privação, nem corresponde a uma mera negação; antes se trata de uma *libertação* resultante de uma atitude filosófica consequentemente seguida.

A plenitude da importância da *ataraxia* como conceito-chave da filosofia ocorre, porém, como já referimos, no período helenístico. O primeiro grande filósofo de tal período em que documentadamente assim acontece é Pírron de Élis, o qual, havendo sido discípulo de Anaxarco (que Laércio mostra como tendo, à sua maneira, encarnado o ideal *ataráxico* de Demócrito), de uma ou outra forma se aparentava com a descendência do sábio abderita. (Long, 1987, p.7)

Muitas vezes, ao abordar-se o tema da *ataraxia* nas filosofias helenísticas, fixa-se a atenção sobre o estado em que ela se traduziria, o seu significado e caracterização, a particularidade do acesso a ela não passando do contexto específico a cada corrente filosófica em que ela figura de modo proeminente. Convirá frisar, pelo contrário, que o fundamental do tema não pode corresponder à caracterização da imperturbabilidade, mas à consideração do percurso a ele conducente. O próprio deste conceito consiste em que o ideal em questão se trata de uma tranquilidade a que se chega por via filosófica e não outra (ainda que tal via possa eventualmente comportar desvios extra-filosóficos). Não consiste de modo algum numa tranquilidade adquirida por via de uma meditação apenas religiosa ou, muito menos, numa que radique numa especificidade temperamental e que se possa assim encarar como de certo modo natural, ou numa induzida por agentes químicos. É antes o resultado do que poderemos chamar uma *ascese filosófica*.

Tal *ascese* aparece com clareza no texto que a maioria dos comentadores considera o mais fiel e fidedigno resumo da doutrina pirrónica original, a passagem referida a esta corrente pelo peripatético Aristocles que, tudo leva a crer, cita directamente a Tímon de Fliunte, discípulo de Pírron e o autor mais antigo do pirronismo, uma vez que o seu fundador nada escreveu (ver o original grego em Declava Caizzi, 1981, pp.54-55). Aí se apresenta o pensamento de Pírron como orientado em função da busca da felicidade, a qual seria alcançável após o percurso de um itinerário que investigasse a natureza das coisas, das suas pesquisas tirando-se uma resposta determinadora de uma atitude, da qual, por sua vez, resultaria a aproximação à felicidade, composta por dois componentes, sendo o último a ser atingido o da condição atarácica: Segundo Pírron “[...] as coisas são igualmente indiferentes, instáveis e indecíveis; pelo que, nem as nossas sensações nem as nossas opiniões dizem a verdade ou mentem. Não se deve, por conseguinte, confiar nelas, mas permanecer sem opinião, sem inclinação e sem abalo [...]. Para aqueles que se encontrarem nesta disposição, diz Tímon que primeiro sobrevirá a *aphasia*, de pois, a *ataraxia* [...]” (Romão, 2003, p.42). De acordo com o esquema aqui presente, a *ataraxia* culmina uma prática cumprida em conformidade com uma disposição de ânimo adquirida com base num suporte epistemológico e ontológico.

Embora seja conveniente demarcar bem o pirronismo primitivo (do período helenístico) do posterior, de que a fase mais bem conhecida e fácil de identificar é a correspondente à da filosofia apresentada por Sexto Empírico (séc. II d. C.), não se pode deixar de ter em conta que nesta, de igual modo, a *ataraxia* aparece como *telos*, se bem que o âmbito da sua concepção seja mais restrito e o percurso que a ela conduz descrito de outra forma. Com efeito, aqui a *ataraxia* é encarada como

princípio causal do cepticismo e seu fim, em matéria de opinião (sendo quanto às necessidades complementada por outro fim: a moderação), como a ausência de tormentos consequente à prática continuada da *epoche*, à qual é dita seguir como uma sombra. Mas o mais característico e curioso da *ataraxia* céptica, tal qual apresentada em Sexto, consiste no processo como foi dito haver sido achado pelo céptico: por acaso e como efeito de uma renúncia. Nisso, o esquema do acesso a ela por parte dos pirrónicos sextiana não deixa de ser semelhante ao dos predecessores do pirronismo primitivo.

Na doutrina de Epicuro, conhecedor e admirador da figura de Pírron, apesar das grandes diferenças que distinguem as respectivas filosofias, também a *ataraxia*, encarada como fim, desempenha um papel crucial. É ela identificada ao prazer e à felicidade, sendo encarada como uma libertação das perturbações e medos dos males que assolam os homens, libertação essa adveniente da investigação filosófica das causas naturais dos fenómenos e das fontes de tais males. O contraste entre a *ataraxia* epicurista e a pirrónica opera-se mais ao nível da caracterização do estado de serenidade e da especificidade do conteúdo do itinerário filosófico por que a ela se acede do que à forma deste. Podemos mesmo observar com Marcello Gigante que “a *ataraxia* pirrónica [...] consegue-se exactamente ao contrário da *ataraxia* epicurista: nem determinando o bem nem o mal nem evitando ou seguindo alguma coisa” (Gigante, 1981, p.47). De qualquer modo, não convém omitir as semelhanças entre as duas concepções de *ataraxia*, vista em ambos os casos como *telos* e como uma libertação atingível através do cumprimento de um percurso filosófico e como coroação deste.

Também no estoicismo a *ataraxia* se reveste da maior importância, embora não se costume dar-lhe tanto relevo quanto ao que se lhe reconhece no epicurismo e no pirronismo. Seja como for, a tranquilidade do espírito integra a vida virtuosa do sábio estóico, resultando de uma prática de vida também algo ascética e seguida em conformidade com a natureza e regida pela razão.

Constituindo a *ataraxia* um objectivo de aperfeiçoamento pessoal e implicando um certo distanciamento do mundo, coloca-se a questão de ela não valorizar uma activa participação na vida social, antes de tender precisamente a contrariá-la (excepto no caso do estoicismo). A abordagem moderna deste conceito preponderante na filosofia do período helenístico, chegada a hora de cessar de o menosprezar e de o voltar a considerar (o que se impõe, até, por razões de ordem cultural e histórica, na nossa época, dominada pela contraposição entre pulsões individualistas e sociais) de um ponto de vista filosófico tem, de resto, tocado sempre nesta tecla.

Bibliografia

- Decleva Caizzi, F. (1981), *Pirrone. Testimonianze*, Bibliopolis, Nápoles.
- Ferrater Mora, J. (1941), *Diccionario de Filosofia*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, (1965).
- Gigante, M. (1981), *Scetticismo e Epicureismo*, Bibliopolis, Nápoles.
- Long, A.A.; Sedley, D. (1987), *The Hellenistic Philosophers*, 2 vols., C.U.P., Cambridge.
- Nussbaum, M.C. (1994), *The Therapy of Desire: Theory and Practice in Hellenistic Ethics*, P.U.P., Princeton.
- Peters, F.E. (1967), *Termos Filosóficos Gregos*, F.C.G., Lisboa (1977).
- Romão, R.B., “O Conceito de Ataraxia nos Pirrónicos Antigos e na ‘Apologia de Raimundo Sabunde’”, in R.B. Romão (ed.), *O Cepticismo e Montaigne*, UBI, Covilhã, (2003), pp.39-58.
- Smith, P.J. (2000), “Sobre a Tranquilidade da Alma e a Moderação das Afecções”, in *Ceticismo Filosófico*, E.P.U., São Paulo.